EXPOSIÇÃO INDIVIDUAL

2019 - Visceral Art
São Paulo - Galeria Baró

A obra de Josafá Neves revela a potência de imagens obliteradas pelo discurso oficial colonizador e patriarcal. Aqui não há espaço para acomodações, para discursos conciliatórios que objetivam criar uma falsa ideia de harmonia e integração racial num país majoritariamente formado por mestiços, filhos do estupro de mulheres negras da parte do homem branco, e que continua a marginalizar e desmerecer a enorme contribuição cultural da arte afro-americana. A história da arte oficial brasileira é o retrato dessa imagem apagada, desse silêncio que ignora a contribuição africana para valorizar tão-somente a presença européia, seus movimentos, suas estratégias de articulação de poder e dominação. Mesmo no modernismo, em sua proposta igualitária e transformadora, a presença de grandes artistas negros se justificava através de discursos críticos que equivocadamente aliavam tais artistas a movimentos construtivos europeus, esquecendo deliberadamente a geometria primeva, essencial, presente nos totens, nos ritos, nas máscaras, nos troncos, nos corpos. A exposição que o artista apresenta reúne obras de potência visual marcante, nas quais imagens resultantes do sincretismo religioso constroem o imaginário místico brasileiro, como no caso de Nossa Senhora de Aparecida, padroeira do Brasil, afirmando a sua negritude, e aludem à saga de violência contra as mulheres negras no país, da escrava Anastácia amordaçada até Marielle Franco, mulher negra assassinada por defender a liberdade e a democracia. Até quando? Este é o brado que as telas de Josafá expressam: até quando esse país insistirá em não admitir a violência que embasa a nossa história e que justifica a tragédia de um povo que não se reconhece no espelho? Entretanto, é preciso lutar, é preciso resistir, é preciso revelar. Josafá abraça esse compromisso, "todo artista deve ir aonde o povo está", e assim cria imagens povoadas de beleza e sofrimento, realidade e mistério, medo e encantamento. A pintura é, nesse caso, ferramenta poderosa do discurso e ela se justifica pelo seu contexto de luta e participação, pela sua verdade, pela força de sua ideia que a forma e a cor constroem de maneira determinante. Visceral art reúne obras de contundência raras vezes vista no comportado circuito comercial das artes. O artista optou pelo título em inglês no sentido de desprezar nacionalismos e acentuar o caráter internacional de denúncia da violência de raça cometida no Brasil. Elas são trabalhadas de maneira direta, criando uma epiderme pictórica de conteúdo fortemente gráfico e são, elas próprias, resultado de fontes de inspiração distintas, acentuando seu caráter mestiço e multicultural, pois dialogam com a gráfica expressionista de origem germânica e com a pintura corporal africana, prática tradicional de celebração e identificação étnica e cultural. No momento em que, apesar dos pesares, a voz negra se projeta no cenário cultural com ações institucionais de destaque e com a existência, pela primeira vez em nossa história, de um segmento poderoso de artistas negros reconhecidos pelo circuito artístico contemporâneo, a presença, entre eles, de Josafá Neves reafirma os compromissos de construção de uma estética nacional verdadeira e corajosa, que assuma as nossas desigualdades e preconceitos no intuito de superá-los para que possamos criar um país que ofereça a todos os seus habitantes cidadania plena e igualdade de oportunidades.

Marcus de Lontra Costa - Curador
São Paulo, janeiro de 2019.

Masmorra
Série desumanização
Óleo sobre tela - 150x150cm - 2019

Amordaçados
Série desumanização
Óleo sobre tela - 150x150cm - 2019

Preto no Branco
Série desumanização
Óleo sobre tela - 150x150cm - 2019

EXPOSIÇÃO INDIVIDUAL

2018 - Orixás
Paris França - Maison du Brésil

A Maison du Brésil apresenta a exposição "Orixás", do artista brasiliense Josafá Neves, que será exibida entre 11 de maio e 16 de junho de 2018, na Sala Lúcio Costa.

Nesta amostra, o artista, a partir de uma ampla pesquisa sobre a mitologia iorubana e, ainda, a influência que carrega da geometria sensível de Rubem Valentim, traz a simbologia e cores pertinentes a cada um dos 16 orixás mais cultuados no Brasil.

Para Josafá Neves, mostrar essa cosmovisão de símbolos sagrados das tradições religiosas de matrizes africanas, por intermédio da arte, é afirmar as diversidades humanas e alteridade, constructos teóricos que, nesta contemporaneidade, precisam ter uma concretude.

En ce moment, se déroule à la maison du Brésil. Cette exposition qui met en avant, le Brésilien Josafá Neves, représentant de l'art afro -brésilien dans le monde contemporain. C'est est un artiste plasticien Brésilien qui a étudié le thème de la diaspora pour sélectionner ce qu'il baptise comme les icônes de la diaspora noire au Brésil. Il s'agit d'une exposition haute en couleur et qui en vaut le détour. Dépêchez-vous, elle se termine le 16 juin.

La capacité de l'artiste à rechercher les sentiments les plus profonds de ceux qui apprécient son travail, le fait passer par d'innombrables techniques dans sa pratique artistique. Il expose pour la première à Paris sa collection « orixàs ».

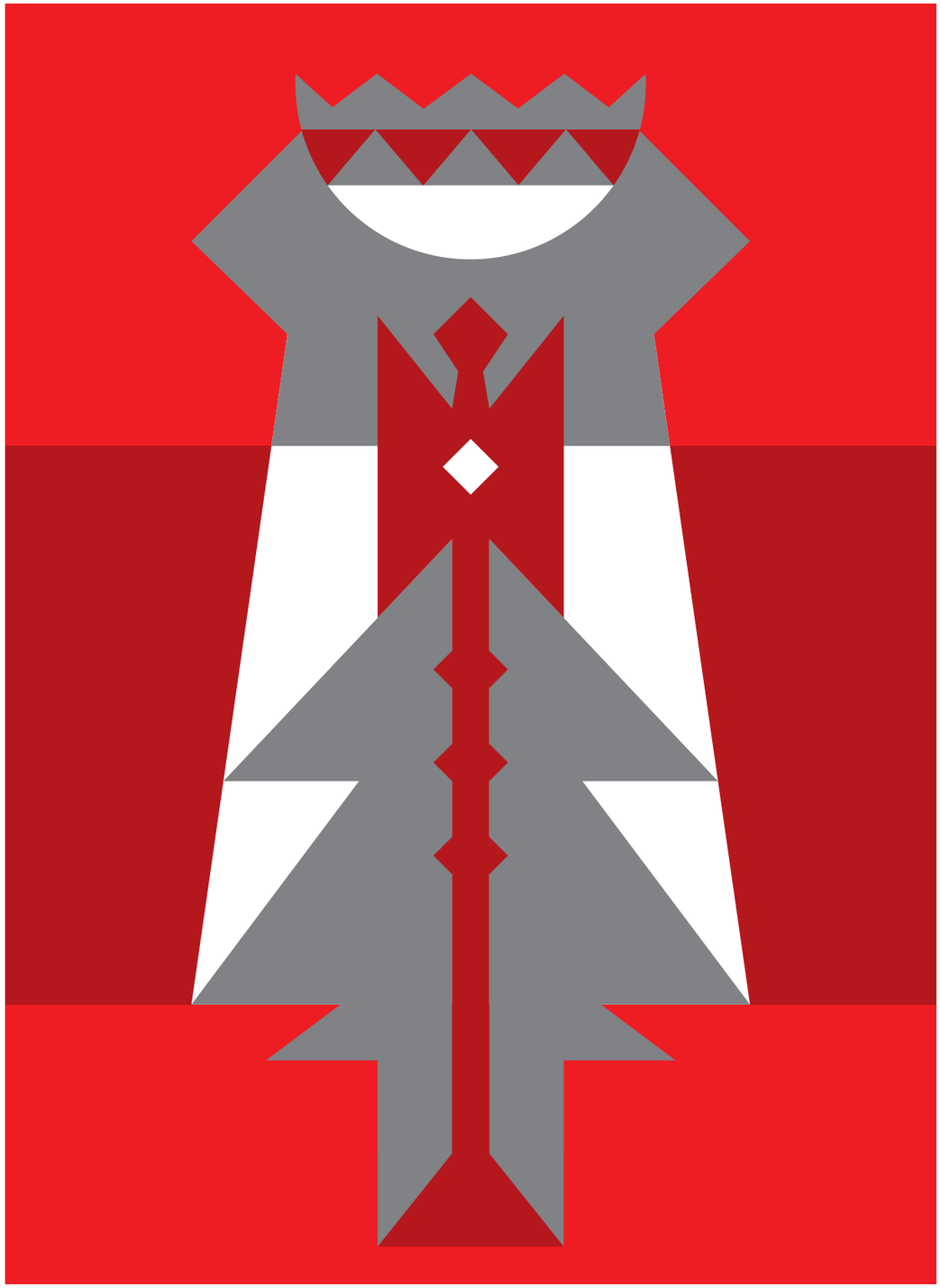
Cette collection comptent 16 œuvres en sérigraphie représentant des Orixàs vénérés de la religion Candomblé, une religion apportée au Brésil par les esclaves africains depuis l'esclavage.

Dans la mythologie Yoruba, les Orixas symbolisent les forces sacrées de la nature, divinités d'énergie intense qui régissent la vie et la communauté.

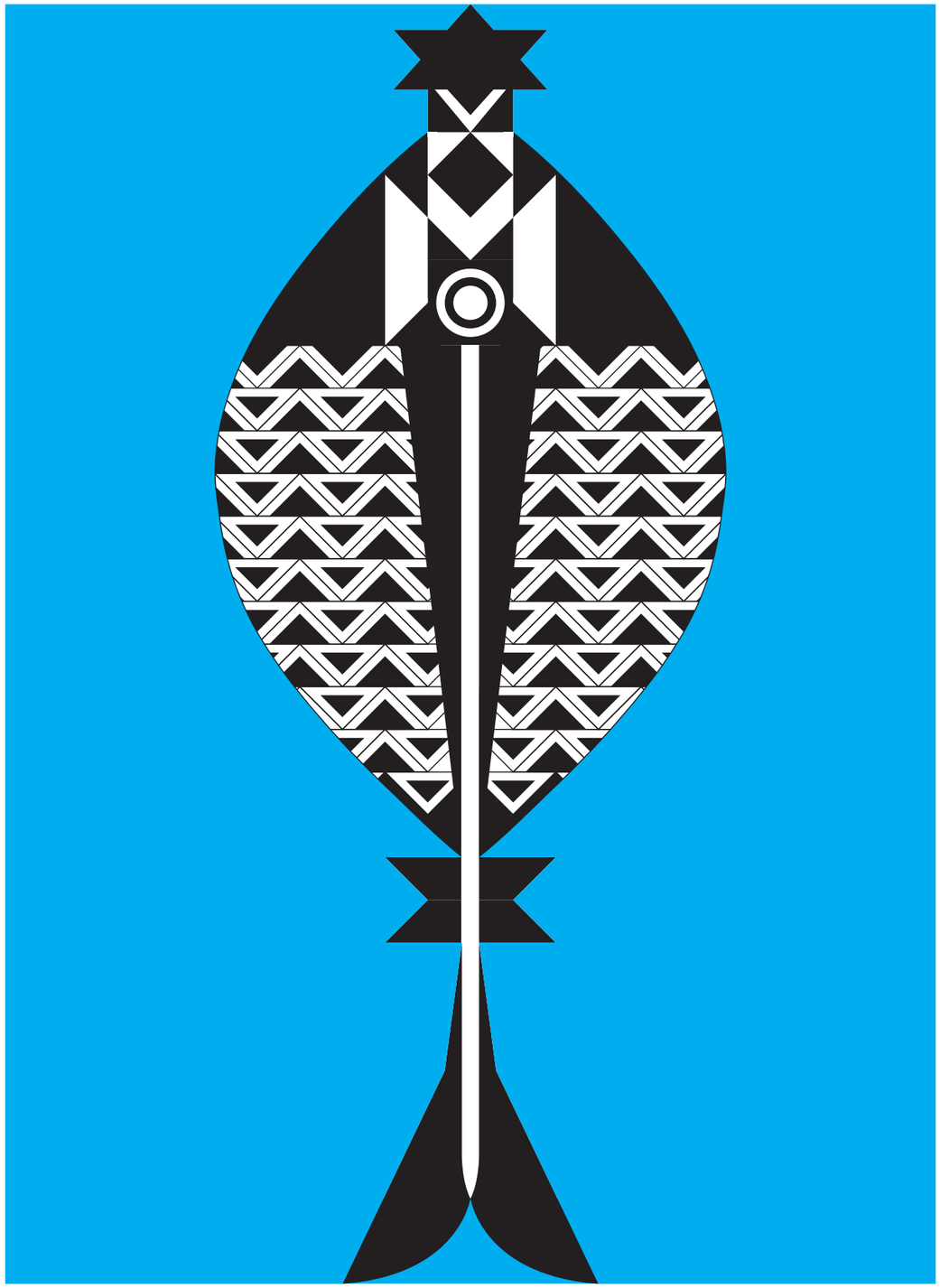
L'ouverture de l'exposition était aussi accompagnée de la présentation spéciale du projet musical Zafa Visceral Music, formé par l'artiste lui-même, Josafá Neves (guitare), aux côtés de Yuri Zuvanov (cor). Le duo montre un son minimaliste, où le cor est mis en avant, avec de nouvelles possibilités sonores. Le mélange sans précédent donne des expérimentations mélodiques qui ont des influences rock, soul, blues et du baião. Dans la voix et les paroles de Josafá, les chroniques quotidiennes décrivent la vie urbaine et la réalité sociale et politique du Brésil. Le résultat apporte dans sa sonorité la marque d'une musique vibrante, audacieuse et viscérale.

Ce travail de l'artiste Josafá Neves est de la poésie, il est politique, c'est de l'art authentique. C'est un art avec l'expression immense d'une subjectivité créée dans le labeur quotidien d'un Afrodescendant brésilien.

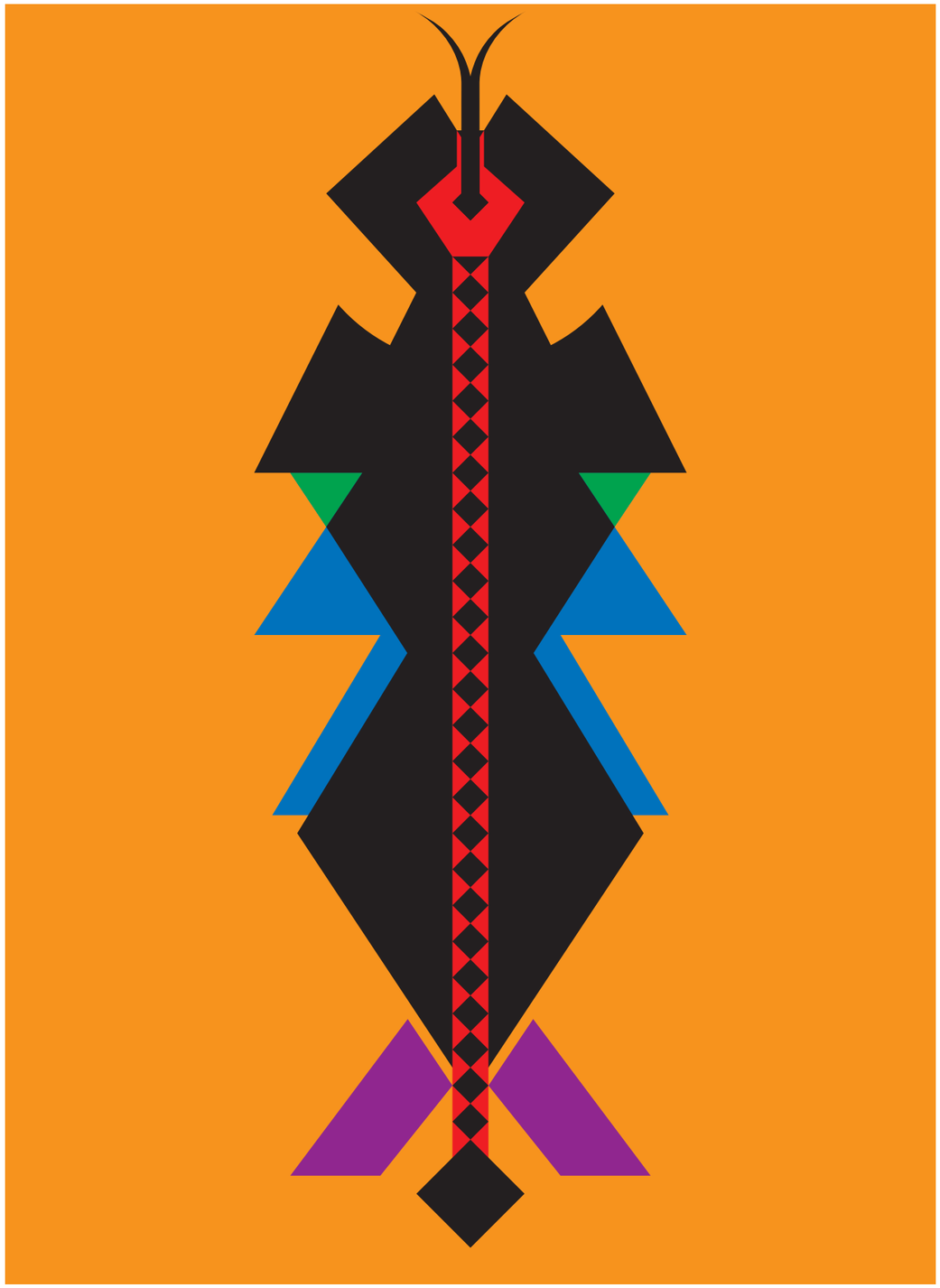
Jeddaoui Souheil
Département communication Little Africa.



Xangô
Gravura em pigmento mineral 1-10 - 60x45cm - 2018



Iemanjá
Gravura em pigmento mineral 1-10 - 60x45cm - 2018



Oxumarê
Gravura em pigmento mineral 1-10 - 60x45cm - 2018

EXPOSIÇÃO INDIVIDUAL

2017 - Diáspora
Brasília - CAIXA Cultural

Depois de cinco séculos da Diáspora Negra, um artista negro, ao contrário da dispersão, reúne numa mostra contundente e forte, retratos da redenção de um povo que, junto com os povos indígenas, mais do que cara, deu coração e identidade à nação brasileira: deu-nos alma com arte poética!

Somos recebidos na mostra por um Oxóssi, o orixá senhor das florestas, todo encarnado em madeira de raízes de árvores. A deidade montada sobre estranho bicho incrustado de chifres de boi, é vinda do mundo dos invisíveis. O orixá tem a mão forjada em bronze e como matriz modelar a mão do próprio artista que segura arco e flecha de Oxóssi, seu símbolo e ferramenta que lhe ancora no terreiro e nas oferendas.

Josafá mostra mais que o reinado das aparências. Quer mais do que parecenças dos seus personagens vindas da admiração e respeito que sente pelas suas atitudes cidadãs e artísticas. Recria mais que retrata ao tirá-los do mundo das sombras, fazendo saber que eles também têm seus lados sombrios.

Estas raízes míticas, ancestrais gravitam– no meio da mostra – em torno de um Xangô esculpido em madeira. Uma pilha de energia das pedras e montanhas a qual o orixá personifica. Ele segura seus dois machados duais da justiça e do equilíbrio e vibra sua presença real no sentido também de força e majestade.

Muitos destes retratados vieram de casas e estirpes reais de além-mar, para sofrerem a humilhação das perdas. Sabe-se que a escravidão existia entre as cortes africanas e muitos escravos foram vendidos por senhores e reis aos traficantes, e eles mesmos os eram. Também reis e rainhas chegaram aqui escravizados e grandes mães de santo da Bahia eram de linhagem real como Mãe Senhora. Basta ver o porte de nobreza de Mãe Stela de Oxóssi na pintura do artista.

Com todo o lado injusto, aqui do lado aborígene do Atlântico Sul, também foi plantada uma nova civilização que ainda nasce a cada dia imatura e sofrida. Nela ainda habita uma sociedade segregadora e desumana, que da senzala à favela, ainda teima em não subscrever e praticar os ideais abolicionistas.

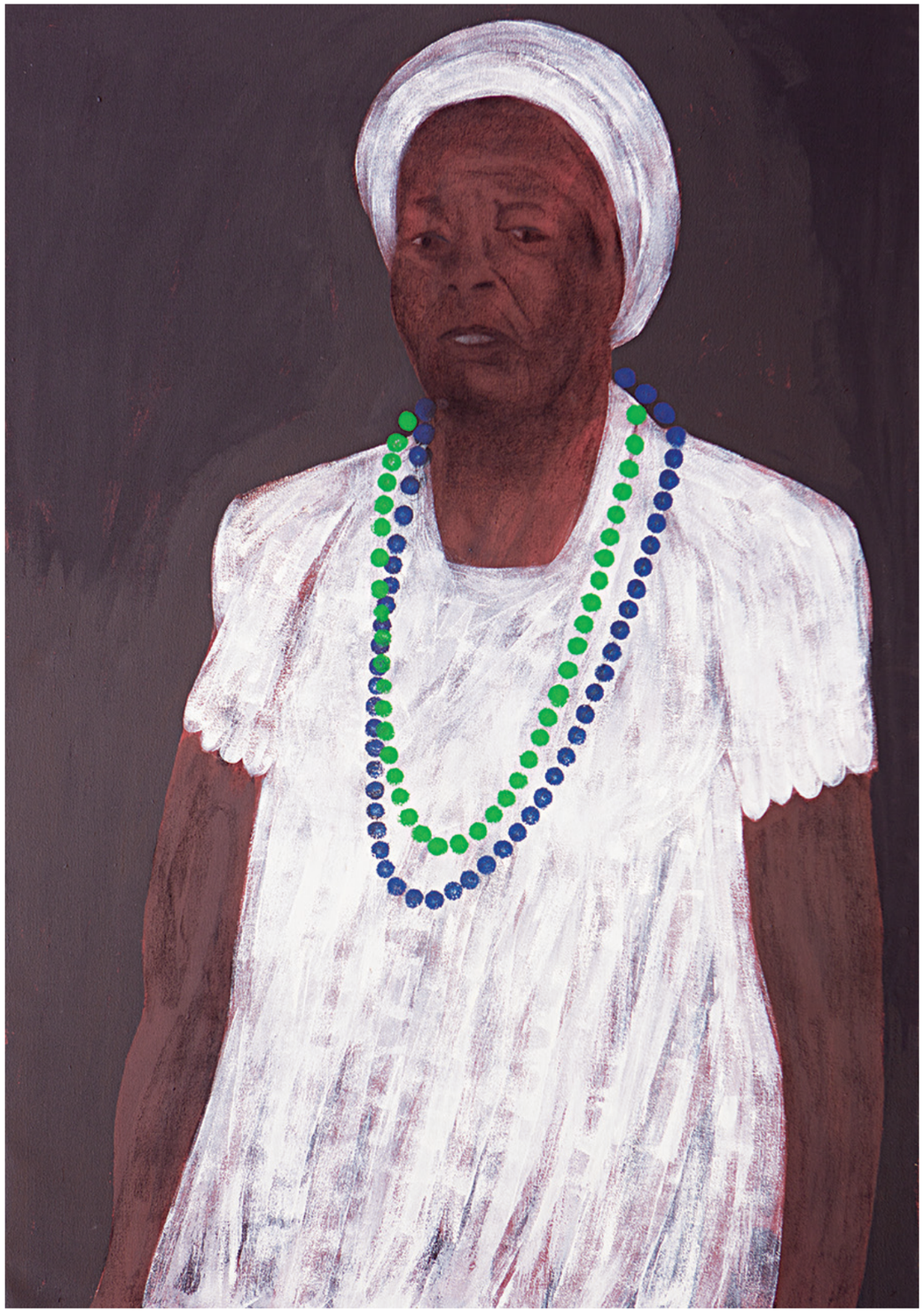
A "Diáspora" pintada por Josafá Neves nos dá um soco na cara e na alma, e mais do que nos acusar, ela nos instiga, provoca para uma consciência além da negritude, que felizmente nos tinge do melhor do sangue de nossos corpos mestiços e nos faz além de plurais, originais e singulares aos olhos do mundo.

Sua arte nos ilumina como faz Oxalá, que é pai de todos, de brancos, índios, negros, caboclos e reina com compaixão sobre os que podem transmutar o sofrimento em alegria criativa, em uma arte transcendente que vá além da dó e da dor.

Bené Fonteles - Curador
Brasília, março de 2017.

Xangô
Madeira Policromada - 250x85x85cm - 2016

Nossa Senhora Aparecida
Óleo sobre tela - 200x300cm - 2017



Mãe Stella de Oxóssi
Óleo, pastel e colagem sobre tela - 160x100 - 2016

Festa de Oxalá
Óleo sobre tela - 288x194cm - 2016

EXPOSIÇÃO COLETIVA

2015 - Acercamentos
Cuba - 12 Bienal de la Habana

A série "navios negreiros" nos toca pela denúncia da condição miserável em que os escravos vindos d'outro lado do Antlântico eram transportados nas galés - quase um milhão, diz-se, morreram na dura travessia - e que se transformaram nas pinturas em revoltados, feras, ratos disputando restos, nos rastro de esquecer origens que tiveram que fazer ainda em África, contornado as "árvores do esquecimento" num ritual cruel contra a memória afetiva ancestral.

La serie "barcos negreros" nos toca por la denuncia de la condición miserable en que los esclavos venidos de otro lado del Antlántico eran transportados en las galés-casi un millón, se dice, murieron en la dura travesía - y que se transformaron en las pinturas en rebeldes , las fieras, ratas que disputa restos, en los rastro de olvidar orígenes que tuvieron que hacer aún en África, rodeando los "árboles del olvido" en un ritual cruel contra la memoria afectiva ancestral.

Bené Fonteles - Curador
Cuba, maio de 2015.

BIENAL DE
LA HABANA
2015

Navio Negreiro I
Óleo sobre tela - 197x146 - 2012

Navio Negreiro II
Óleo e pastel sobre tela - 197x146cm - 2012

Navio Negreiro III
Óleo e pastel sobre tela - 197x146cm - 2012